

A “LOUCURA ESPÍRITA” EM JUIZ DE FORA – MG

Roberta Müller Scafuto Scoton

Licenciada em História pela UFJF e
Mestranda no Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Religião da UFJF,
na área Ciências Sociais da Religião.

Este artigo tem por objetivo analisar a penetração e discussão de concepções médico-psiquiátricas sobre as religiões mediúnicas na cidade de Juiz de Fora (MG). Acredito que estas práticas e religiões foram objeto de análise da psiquiatria pelo fato de comportarem elementos que se configuravam enquanto tema para esta disciplina e também por que era uma forma alternativa de cura, de explicação e de tratamento da loucura.

A psiquiatria no período da Primeira República preocupa-se fundamentalmente com a “limpeza” e a disciplinarização do meio urbano, através da *“disciplina cotidiana, da normalização e adestramento das populações urbanas”*.¹

No final do século XIX,

*a saúde pública e a psiquiatria dão-se as mãos na tarefa comum de sanear a cidade, remover a imundície e a morrinha, os focos de infecção que eram os cortiços, os focos de desordem que eram os sem-trabalhos maltrapilhos a infestar as cercanias do porto e as ruas do centro da cidade.*²

Esta especialidade médica consolida-se no Brasil, incorporando *“uma ampla variedade de temas na fixação das fronteiras que passariam a ‘doença’ da ‘saúde’, o ‘normal’ do ‘patológico’ no âmbito dos distúrbios mentais”*.³ Dentre tais temas destacam-se o da civilização, da raça, da sexualidade, do trabalho, do alcoolismo, da delinqüência, do fanatismo religioso e da contestação política, temáticas a partir das quais podemos afirmar uma relação evidente da ameaça da integridade da ordem estabelecida com doenças mentais, e uma necessidade de retirar estes elementos desagradáveis dos locais públicos e visíveis.

As crenças e práticas religiosas foram temáticas analisadas pelos psiquiatras, sendo as manifestações de obsessões e delírios religiosos que escapassem do controle

oficial consideradas muitas vezes como sintomas de patologia mental. M. Engel aponta que era comum entre os psiquiatras brasileiros o estabelecimento de vínculos entre valores, crenças e práticas religiosas da população negra e mestiça e certos tipos de doenças mentais. Entre as principais preocupações dos psiquiatras, inclui-se também o espiritismo, tanto o Umbandista quanto as práticas *“disseminadas pelo chamado ‘espiritismo racionalista e científico (cristão)’entre as ‘classes médias abastadas’(...)”*⁴ E. Giumbelli afirma que os textos médicos da primeira metade do século XX procuraram patologizar o espiritismo como fator de doença mental, tomando as religiões mediúnicas indistintamente.⁵

De maneira geral, para a Psiquiatria o espiritismo era considerado desencadeador de doenças, e seus aspectos da cura e da terapia alternativa configuraram-se em alvo para combates, já que possuía um duplo perigo: perigo à saúde mental das pessoas que recorressem a eles e perigo à medicina que buscava hegemonia através da crítica, combate e perseguição aos que denominavam “charlatões”.⁶ Apesar das concepções psiquiátricas que relacionavam o espiritismo à doença mental terem sido dominantes, não podemos afirmar que o pensamento psiquiátrico era homogêneo sobre esta questão. Um exemplo de destaque que confirma esta idéia é do Médico psiquiatra Bezerra de Menezes, que aderiu ao espiritismo e curava *“por meio de crenças religiosas”*.⁷ A terapia de Bezerra de Menezes consistia na convocação durante a sessão médica de *“‘espíritos superiores’ para decodificar os ‘sintomas morais’ do paciente e as entidades desencarnadas tentavam persuadir os ‘espíritos inferiores’ a se arrepender e a desistir de perseguir a vítima/paciente”*.⁸

Atualmente tende-se na psiquiatria e psicologia a se estudar os fenômenos mediúnicos levando-se em consideração os aspectos culturais que a envolvem, observando, por exemplo, que o transe individual é normal para determinado meio social, fazendo parte de um culto e não se configurando como uma patologia individual. As análises sociológicas e históricas da década de 1950 – principalmente as de R. Bastide e P. Verger – foram as primeiras a interpretar os fenômenos a partir do enfoque cultural. A etnopsiquiatria tem empreendido importantes mudanças neste campo de conhecimento,

relativizando interpretações preconceituosas e limitadas.⁹ No Brasil do início do século XX as interpretações acerca da mediunidade eram na maioria das vezes descritas como sinal de psicopatologia, conseqüência da análise descontextualizada destas experiências de sua inserção em um grupo e cultura.¹⁰

Segundo R. Ortiz, em seu estudo sobre a religião umbandista, a ciência pode ser considerada a primeira instância legítima que se opôs a esta religião, associando loucura e possessão de forma mecânica.¹¹ A idéia de que o fenômeno do transe se reduzisse às manifestações históricas perdurou por bastante tempo na sociedade.¹² O psiquiatra Oscar de Souza em “O indivíduo e o meio do ponto de vista da higiene mental” de 1928, afirma que:

“Entre os males sociais que se apontam em nosso país como grandes fatores de loucura, está o espiritismo grosseiro que se desenvolve num terreno adubado pela ignorância e pelas superstições (...). o espiritismo não é somente um mal que se alastra nas camadas inferiores (...) senão que se estende, alcançando as camadas superiores da sociedade”¹³

“Tendências Modernas da Psiquiatria” de Henrique Roxo (1918) é outra obra na qual a imagem da loucura penetra o significado religioso, fazendo com que o espiritismo configure-se ao lado da sífilis e do alcoolismo como fonte de doenças mentais.

“Os caso de doenças mentais provocadas pelo espiritismo vem aumentando consideravelmente nos últimos tempos, é raro o dia em que não me é dado observar pelo menos um, no Instituto de Neurologia em que funciona a clínica da Faculdade de medicina. A sífilis, o alcoolismo e o espiritismo são fatores que concorrem em 90% dos casos de alienação mental”¹⁴

Considero importante o estudo destas concepções psiquiátricas, especialmente as que viam as religiões mediúnicas como uma causa ou desencadeadoras de alienação mental, porque tais idéias tiveram grande repercussão e estiveram presentes no cotidiano dos indivíduos no início do século XX.

Na cidade de Juiz de Fora (MG), a força destas idéias é percebida e constante, também relacionando tais religiões a práticas criminosas. Um exemplo é de 1882, em uma notícia publicada no jornal local “O Pharol”, intitulada “Efeitos do Espiritismo”, que traz a informação de que um homem havia perdido a razão por freqüentar sessões espíritas, fato

que motivaria o assassinato de seu filho e agressão à esposa.¹⁵ Outro artigo, intitulado “*Brutalidade*”, noticia que um homem foi “*agredido e esbofeteado*” pelo cunhado da “*feiticeira Mindoca*”;¹⁶ pesquisas atuais mostram que Dona Mindoca foi fundadora do centro de Umbanda mais antigo da cidade, datado do início dos anos 20.¹⁷

Além disso, pode-se destacar o fato de estas concepções psiquiátricas terem servido direta ou indiretamente para denegrir a imagem das religiões mediúnicas, o que se configurou como importante para a delimitação de fronteiras identitárias entre as religiões afro-brasileiras e o Espiritismo Kardecista. Isso se explica porque os espíritas kardecistas, os quais também eram alvos das concepções psiquiátricas, respondiam e dialogavam sobre as acusações excluindo-se dos rótulos estigmatizantes,¹⁸ e ao mesmo tempo, empreendendo sua distinção das religiões afro-brasileiras e propiciando a formação de uma hierarquia das religiões mediúnicas ou espiritualistas.

E. Giumbelli nota a aproximação dos espíritas da Federação Espírita Brasileira, havendo a união desta organização espírita carioca com os poderes policial e jurídico. Em relação a Juiz de Fora, pode-se afirmar que também houve esta aproximação, ambos contra as práticas do “baixo espiritismo”. Em um processo criminal de 04/06/1934, um policial, componente da Polícia Moral, que é encarregado do “*serviço de baixo espiritismo e canjerês*”, testemunha que “*encontrou Ricardo – o réu –, que com gestos de quem tirasse do corpo de um de seus assistentes, algum espírito maligno, achava-se na prática franca de feitiçaria*”. O policial afirmava que o réu usava objetos “*que de modo algum poderiam servir a prática de são espiritismo e sim a simples e baixa feitiçaria*”. Esta fonte chama a atenção para o fato de haver em Juiz de Fora a repressão ao “*cangerê e baixo espiritismo*” e uma hierarquização das práticas mediúnicas, tanto pela justiça, pelo policial, quanto pelo réu, que alegava que “*praticava apenas o espiritismo*” e isso, para o Delegado de Comarca – no relatório feito pelo mesmo – deveria “*ser tido como mera desculpas para as suas práticas criminosas.*” Além disso, neste processo uma testemunha de acusação distingue as religiões: “*que o baixo espiritismo é aquelle que é feito na orgia enquanto o alto é estudado, é lido nos escritores do espiritismo (...)*”.¹⁹

Portanto, os espíritas kardecistas preocupavam-se em se distinguirem das práticas que consideravam *“bruxarias, feitiçarias e outras drogas semelhantes”*.²⁰ Afirmavam que não se poderia confundir o kardecismo com as práticas de indivíduos que cobravam dinheiro, sendo estes considerados

“elementos atrasados, que se comprazem naquillo que é apenas da terra: fazer e desfazer casamentos, encaminhar negócios, promover discórdias, intrigar famílias, prometter facilidade futuras e outras boboseiras, tendo em vista ganhar dinheiro. Isto não é Espiritismo”.²¹

A negação destes elementos pelos espíritas está em sintonia com a doutrina espírita codificada por Kardec, principalmente em relação a prática caritativa e da negação de contatos com o Plano Invisível para a obtenção de ajuda em questões mundanas. Podemos ainda afirmar espiritismo kardecista local se afirmou através da ênfase na prática caritativa – a prática da caridade foi um importante elemento para a legitimação do espiritismo e uma prática eficiente para se efetivar a conversão de adeptos²² – e nos aspectos científicos e modernos da doutrina, o que compunha um elemento importante no cenário juizforano, que se queria moderno e progressista pela elite e administradores locais.

Portanto, pode-se afirmar que foi uma discussão importante para os espíritas kardecistas. Era um momento de afirmação, institucionalização e crescimento dos Kardecistas no Brasil e em Juiz de Fora, estas idéias denegriam e prejudicavam a imagem desta religião, que se firmava através dos pilares da caridade, do estudo e da mediunidade.²³

A fim de demonstrar a importância destas idéias para os espíritas, cito dois exemplos: um artigo no jornal espírita *“Semeador”*, da *“Casa Espírita”* de Juiz de Fora, e um artigo do espírita juizforano Albino Esteves, publicado no Periódico da FEB, *“Reformador”*, sendo o mesmo artigo uma transcrição do *“Jornal do Comercio”*. Estas fontes permitem observar o diálogo e refutação *“racional”* de que o espiritismo kardecista levaria a loucura.

O jornal *“Semeador”* de julho de 1923 traz um artigo intitulado *“Cuidado!... O Espiritismo faz doidos!”*. O autor deste pequeno artigo afirma que os católicos e protestantes têm afirmado que o espiritismo *“faz doidos”*. Responde a *“acusação”*, afirmando que *“só*

ficam doidos, patetas, malucos, aqueles que têm predisposição orgânica para isso". Acredita que o motivo destas religiões de denegrir o espiritismo é que *"estas duas correntes religiosas não se conformam com o progresso do Espiritismo, e, para assustar, aterrar, desviar d'elle os que por ventura desejassem seguil-o"*.²⁴ Como percebemos, as religiões mais tradicionais da cidade utilizavam o argumento psiquiátrico para combater o avanço do espiritismo e evitar perda de adeptos. Os espíritas de Juiz de Fora, por outro lado, debatiam e respondiam as acusações, baseando sua defesa no fato de que os espíritas *"pedem pelos que se foram, praticam boas obras, têm Jesus por Mestre da caridade"*.²⁵ Portanto, os espíritas tentavam através da imprensa afirmar sua identidade no espaço público juizforano, respondendo as críticas através deste veículo informativo.

No Periódico da FEB (Federação Espírita Brasileira-RJ) *"Reformador"*, de 01/04/1928, encontramos um artigo do espírita e intelectual juizforano Albino Esteves intitulado *"Os grandes factores da loucura"*.²⁶ Neste artigo ele critica notícias veiculadas pelo jornal carioca "O Jornal" sobre palavras divulgadas pelos psiquiatras Henrique Roxo e Juliano Moreira. Albino Esteves cita uma transcrição, de "O Jornal" de 12/03/1926, em que o Dr. Henrique Roxo afirma:

"O Espiritismo é, pode-se dizer, sem exaggero, uma verdadeira fabrica de loucos. Entre os dementes que diariamente dão entrada no Hospício, grande parte – a maioria mesmo – vem dos centros espíritas".

No mesmo jornal, o Dr. Juliano Moreira coloca que *"realmente é grande o número de doentes, procedentes de centros espíritas, que vão bater diariamente as portas do Hospício Nacional"*. Albino Esteves criticará estas afirmações com base em documentos que julga possuir maior credibilidade, que denomina de *"informes insuspeitos"* e *"merecem fé e fazem prova, mais claro ainda"*²⁷: tais documentos são os relatórios do Ministério do Interior da República. Analisa os relatórios de 1918 a 24 alguns inclusive assinados pelo Dr. Juliano Moreira, o que torna a argumentação de A. Esteves mais convincente aos leitores da época – e percebe que não há referência nestes relatórios de que o espiritismo fosse causador de internações em Hospitais psiquiátricos: desta forma defendia sua religião das acusações oriundas de alguns psiquiatras. A. Esteves, com base em métodos científicos de crítica e

cruzamento de fontes, argumenta e tenta convencer o leitor da “verdade” dos fatos: de que o espiritismo não causa alienação mental e insinua que estes psiquiatras possuíam outras motivações para denegrir o espiritismo, por que não se acentavam em argumentos científicos.

O objetivo deste insipiente artigo foi abordar algumas questões importantes para se entender o contexto de articulação de idéias psiquiátricas sobre as religiões mediúnicas na cidade de Juiz de Fora (MG). Acentuo a importância para os psiquiatras de se estudar o espiritismo, a partir de suas práticas e rituais, o que a maioria das vezes significou o tratamento indiscriminado das diferentes religiões mediúnicas presentes no Brasil. Além disso, observo que estas religiões tornaram-se objeto da psiquiatria em um contexto de legitimação do saber médico, científico e acadêmico. Estas práticas terapêuticas alternativas conviviam com a medicina oficial, o que pode explicar a tentativa de deslegitimar e criminalizar as categorias próprias a estas religiões mediúnicas, em um momento em que a medicina acadêmica angariava hegemonia. Além disso, apontamos para a importância do estudo desse tema tendo como foco de análise a cidade de Juiz de Fora, em que o movimento espírita foi importante desde o final do século XIX.

Acredito que estas concepções psiquiátricas se configuraram como elemento relevante para afirmação do espiritismo local. Apesar de serem idéias depreciativas ao espiritismo, acreditamos terem sido importantes para os kardecistas, tendo em vista que ao discutirem e recusarem este rótulo que os identificava à doença mental, defendiam suas práticas e doutrinas se separando de outras práticas mediúnicas, estas sim identificadas ao charlatanismo, ao curandeirismo, a práticas mágicas e de feitiçaria e à causa de loucura. A partir desta diferenciação em relação a outras práticas mediúnicas, o espiritismo kardecista em Juiz de Fora impôs sua imagem, identificada à caridade, à ciência e à modernização.

-
- ¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do Mundo*: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 23.
- ² RESENDE, Heitor. *Política de saúde mental no Brasil*: uma visão histórica. in: TUNDIS, Silvério; COSTA, Nilton do R. *Cidadania e Loucura*: Políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 45.
- ³ ENGEL, Magali G. *As fronteiras da anormalidade*: psiquiatria e controle social. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v (3): 547-63, nov. 1998. p. 556
- ⁴ ENGEL, M. *As fronteiras...* op. cit. p. 560.
- ⁵ GIUMBELLI, E. *O baixo espiritismo e a história dos cultos mediúnicos*. In: *Horizontes antropológicos*. V. 9; N. 19. Porto Alegre, JUL/2003.
- ⁶ GIUMBELLI, E. *Heresia,, doença, crime ou religião*: O espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, 1997, vol. 40, nº 2. PEREIRA NETO, André de Faria. *Ser médico no Brasil*: o presente e o passado. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.. p. 87-107.
- ⁷ ENGEL, Magali. *A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto*. In: CHALHOUB, S (org.) *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 64.
- ⁸ WARREN, Donald. *A terapia espírita no Rio de Janeiro por volta de 1900*. In: *Revista Religião e Sociedade*, 11/3, dezembro de 1984. p. 58.
- ⁹ SILVA FILHO, J. *A medicina, a psiquiatria e a doença mental*. In: TUNDIS, S. & COSTA, N. *Cidadania...*op. cit. p. 76.
- ¹⁰ ZANGARI, W. *Estudos psicológicos da mediunidade*: uma breve revisão. In: <http://www.pucsp.br>
- ¹¹ ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Umbanda: Integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 181.
- ¹² MAGGIE, Y. *Medo do Feitiço*. Relação entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992. e CAVALCANTI, M. *O Mundo Invisível*: Cosmologia, Sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- ¹³ SOUZA, Oscar de. *O indivíduo e o meio do ponto de vista da higiene mental*. (1928). In: ORTIZ, R. op. cit. p. 181.
- ¹⁴ ROXO, Henrique. *Tendências Modernas de Psiquiatria*. (1918). In: ORTIZ, Renato. op. cit. p. 180.
- ¹⁵ *Jornal O Pharol*, 30/11/1882, Centro de Memória da Biblioteca Murilo Mendes.
- ¹⁶ *Jornal do Commercio*, 04/08/1920, Centro de Memória da Biblioteca Murilo Mendes.
- ¹⁷ TAVARES, Fátima Regina Gomes & FLORIANO, Maria da Graça. *Do canjerê ao candomblé*: Notas sobre a tradição afro-brasileira em Juiz de Fora. In: TAVARES, F. & CAMURÇA, Marcelo. (orgs) *Minas das devoções*: Diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003. p. 169.
- ¹⁸ CAVALCANTI, M. L. op. cit. passim.
- ¹⁹ Processo criminal contra a saúde pública. Cx. 243, de 04/06/1934. Arquivo da Prefeitura de Juiz de Fora.
- ²⁰ *Jornal Semeador*. Casa Espírita de Juiz de Fora. Fev/1921.
- ²¹ Idem.
- ²² CAMURÇA, Marcelo A. *Fora da Caridade não há religião!* Breve história da competição religiosa entre catolicismo e espiritismo kardecista e de suas obras sociais na cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. In: *LOCUS*: Revista de História. Juiz de Fora, EDUFJF, 2001. v. 7, n.1. p. 150-154.
- ²³ CAVALCANTI, M. op. cit.; GIUMBELLI, E. *O cuidado...* op. cit.; CAMURÇA, M. *Fora da Caridade...* op. cit.; OLIVEIRA, Simone. *A fé raciocinada na Atenas de Minas*: Os primeiros anos do espiritismo em Juiz de Fora (1880-1930). Juiz de Fora: 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF.
- ²⁴ *Jornal Semeador*. Casa Espírita de Juiz de Fora. jul/1923.
- ²⁵ Idem.
- ²⁶ *Periódico Reformador*. FEB-RJ, 01/04/1928, p. 159-160.
- ²⁷ Temos que levar em consideração o fato de Albino Esteves ser um dos intelectuais de Juiz de Fora que se dedicou a escrever a História de Juiz de Fora, fazendo o “Álbum do Município de Juiz de Fora”. Isso pode nos elucidar o porque de afirmar hierarquia em relação a documentos para se escrever a História, já que se baseava no método positivista, em que os documentos “oficiais” tinham proeminência em relação aos outros, como os jornais, por exemplo.